



O COMBATE DE VENDA GRANDE EM 1842

Celso Maria de Mello Pupo

Cessado o período regencial e declarada a maioridade de nosso imperador Dom Pedro II, por iniciativa dos liberais apoiados pelo povo e forças do exército, foi o imperador coroado a 18 de julho de 1841. Era vitória liberal que iniciava o segundo reinado com "estrondosa popularidade" e júbilo geral no país inteiro. Generalizada uma opinião política em favor do restabelecimento de um Conselho de Estado, extinto em 1834, sua forma, entretanto, era motivo de divergência política, agravada por demais atitudes dos conservadores no poder, levando os liberais à revolta de 1842.

Conspirou-se, estabeleceu-se o plano de revolução que eclodiria

na capital da província e outras cidades do interior, o que se fez, não nos moldes estabelecidos, mas fracionadamente, falhando na capital onde já havia a formação de grupos de ação com armamento distribuído. Sorocaba, cidades próximas, Campinas e outros centros municipais marcharam para a revolução.

Em Campinas como os revolucionários não compunham a maioria da Câmara Municipal, concentraram suas tropas em área rural, com sede no sobrado desabitado do engenho da Lagoa, bairro de Venda Grande, sendo aí atacados por tropa imperial enviada por Caxias a Campinas, sob o comando do coronel José Vicente de Amorim Bezerra.

Nesta cidade já se achava uma tropa mercenária organizada e mantida pelo chefe conservador de Moji-Mirim, João José Vieira Ramalho, que também participou do ataque à concentração dos revolucionários, aos 7 de junho de 1842, desbaratados estes com poucas mortes e prisões, recolhidos os feridos ao sobrado do engenho onde, durante a noite, vitimou-se uma chacina.

MISTÉRIO A DESVENDAR

Vimos agora movidos por uma imposição de justiça, no sentido de desvendar o mistério do massacre de Venda Grande, relativamente ao fato do século passado que tanto emocionou a gente de Campinas.¹

A permanência do mistério perpetuou injustiça de suspeição a órgãos que têm direito à pesquisa esclarecedora e à eliminação de qualquer dúvida sobre seu passado. Isto, mesmo depois de nossa publicação anterior, não foi eliminado de nossos cuidados, de nossas pesquisas, buscando o justo agora com oportunidade de divulgação.

As afirmativas reticentes do Dr. Ricardo Gumbleton Daunt e de Zaluar, e o queixume de Ana Gabriela, podem hoje ser esclarecidos levantando-se "a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena" causadora de profunda e duradoura mágoa como, ainda nas primeiras décadas do século vinte, pudemos sentir. Discorremos sobre este único encontro

cruento na província de São Paulo transcrevendo:

"As legendas desse dia funesto correm no entanto na boca do povo com toda a mágoa de uma tradição fratricida. Não serei eu quem levante a cortina que ainda envolve os mistérios dessa lamentável cena" (Zaluar)².

"Prenderam-no e no ato propositalmente feriram-no levando-o para a casa antiga da fazenda que era sobrado. Ai atiraram-no na cama e na mesma noite os soldados assassinaram-no a sangue frio" (Dr. Daunt)³.

"Morreram na ação Joaquim Camarada e Pedro Aleixo; ficaram baleados muitos que morreram assassinados depois da ação, Comandante Boaventura e mais pessoas" (Ana Gabriela)⁴.

O combate se iniciou com a presença da cavalaria imperial "no alto do pasto", Fazenda Chapadão, recebida com tiros da artilharia dos revolucionários. Se tivesse havido revide da cavalaria (que não houve) contra os disparos da arcaica artilharia revolucionária, nada haveria de crítica, assim como não se pode estranhar a reação dos revolucionários ao serem atacados pela retaguarda, pela infantaria, esta com armas de maior alcance contra as armas de caça dos liberais; os fatos posteriores relatados pelos cronistas da época é que exigem uma revisão.

O relato do Dr. Ricardo é posterior a 1845, quando ele aportou a Campinas. Em 1846 Dom Pedro II visitou esta cidade e condecorou muitos liberais e, apenas, um conservador, não podendo haver qual-

quer temor em se dizer a verdade. Zaluar só veio para o Brasil em 1849 e passou pela nossa província em 1860-61, quando nada o impedia de denunciar a tropa responsável; mas se limitou a dizer: "não serei eu quem levante a cortina", quando poderia e deveria relatar a verdade.

Os contemporâneos de 42 eternizaram o mistério, hoje injustificável, mas, então, fundamentado pelo profundo e unânime pendor religioso da população. O século dezenove se classifica pela convicção religiosa dominadora de todas as consciências, com seus princípios sólidos e com suas credenças e exageros naturais da enraizada fé religiosa.

Gozavam os sacerdotes de uma aura de respeito que chegava ao rigor de se encobrirem faltas nunca referidas no temor de atingir o que neles havia de sagrado. Os desmandos de alguns não tisonavam sua reputação e eram resguardados por uma discrição temerosa que não ousava transpor os limites de restrita intimidade, conservando mistérios não desvendados até hoje, como resultou para a moderna discussão sobre a paternidade de Feijó.

HISTORIADORES DO EVENTO

Sem pretender atingir a totalidade, vamos recordar nomes que se dedicaram à história de Venda Grande inserida, muitas vezes, em relatos de ampla exposição sobre o movimento liberal de 1842. E podemos indicar o que tivemos em

mãos, quase todos em arquivo particular:

I — Em "Almanaque de Campinas para 1871" organizado e publicado por José Maria Lisboa, Francisco Quirino dos Santos historiou a pré-revolução e a revolução em resumida e interessante exposição, quando ainda viviam participantes do movimento.

II — Amador Bueno Machado Florence, filho de Hércules Florence que o acompanhou em 1842 viajando de Campinas para Itu e foi testemunha ocular de fatos da revolução liberal, escreveu, de sua lembrança, esses fatos, publicando-os em artigos seguidos, de 7 de junho a 15 de julho de 1882. Tais artigos contam valiosos detalhes da revolução, e têm servido para fonte de muitos trabalhos e até para serem transcritos por inescrupulosos que os copiam sem referência ao original de onde tiraram; mas o confronto das publicações revela claramente o plágio.

III — João Batista de Moraes, em 1907, escreveu e apresentou ao Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, memória sob o título de "Revolução de 1842", na qual fez um estudo da vida política do Brasil, desde 1831 até o final da revolução, com a correspondência trocada entre muitos próceres.

IV — Leopoldo Amaral, em 1927, pelas colunas de "A Gazeta de Campinas" do dia sete de junho, em alentado artigo, relembra particularidades de Venda Grande, úteis e orientadoras para quem deseja se inteirar desta revolução.

V — A 27/1/1925, o "Correio da Manhã" do Rio de Janeiro publicou noticiário com reprodução de correspondência sobre o aniversário da decisão do Senado isentando de culpa os senadores Diogo Antônio Feijó, Nicolau de Campos Vergueiro e Francisco de Paula Sousa.

VI — Heitor Muniz tratando de "A Revolução Liberal Mineira de 1842" faz um histórico útil da pré-revolução.

VII — O mesmo faz "O Estado de Minas" de 20/8/1929, com o inteiro teor da representação da Assembléia Provincial de São Paulo, ao Imperador, "pedindo a sustação das Leis das Reformas do Código e do Conselho d'Estado, e a demissão do Ministério".

VIII — "O Estado de São Paulo" de 27/2/1930, em correspondência de Itapetininga, relata os ocorridos na cidade.

IX — Felix Guisard Filho, o historiador do Vale, em "A Razão" de 12/7/1931, trata de desfazer o que intitula "Quem Conta um Conto".

X — Pode-se lembrar um historiador de pulso, E. Vilhena de Moraes que, pelas colunas de "A Razão" de 12/9/1931 e número seguinte, retorna ao "Quem Conta um Conto".

XI — Abundante correspondência de Caxias ao presidente da Província de São Paulo, trazem os Anais do Museu Paulista, tomo quinto, de 1931.

XII — Felix Guisard Filho, ainda em "A Razão" de 12 e 13 de dezembro de 1931, tratou de "Taubaté e a Revolução de 1842".

XIII — Devemos ao campinense Omar Simões Magro que pelo "Diário Popular" de 16/5/1932 historiou Venda Grande sob o título "Os Apuros de Um Chimango" com referência ao revolucionário que se ocultou em um valo passando a prisioneiro de uma cascavel.

XIV — Documentação provinda dos arquivos do 1º Barão de Jundiá, referente ao movimento de 1842, foi incluída no volume XXXI (1933-1934) da Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo.

XV — Do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais, Martins de Andrade é autor de trabalho sobre "A Revolução de 1842", tratando do movimento em São Paulo, Curitiba e Campinas.

XVI — Aluísio de Almeida em 1944, na coleção "Documentos Brasileiros", teve seu trabalho publicado "A Revolução Liberal de 1842".

Tivemos ainda em mãos o segundo volume do processo criminal procedido pela autoridade civil da província, com depoimentos e testemunhos em várias cidades do interior onde agiram os revolucionários, e do qual copiamos declarações testemunhais de elementos de Campinas. Outros trabalhos terão sido publicados em nosso país, porém até hoje não se desvendou o mistério do massacre do engenho da Lagoa transformado em bairro da Venda Grande, o que vamos tentar.

AS TROPAS ATACANTES

Deste ressentimento da população de Campinas e dos relatos de

escritores acima citados e que não quiserem levantar o véu do mistério que vem atravessando os séculos mas, que facilmente pode ser considerado como excesso de uma tropa sem culpa, que se busque a verdade a fim de que não se consolide alguma injustiça; assim, mesmo tarde, que "se levante o véu" de verdade.

Justo é que se inicie julgando a atuação militar, a partir do comandante em chefe das forças, preferencialmente chamadas pacificadoras. Significativamente o guerreiro Caxias teve a alcunha de pacificador; e esta alcunha mais se justifica em pesquisas que se faça na história do movimento armado de 1842.

Caxias não quis atacar os revolucionários em Pinheiros; preferiu a inércia, sua e do inimigo, precursora do desânimo de revoltosos. Enviou o Coronel Bezerra com tropas para evitar a tomada de Campinas pelos revolucionários que para tanto se preparavam, que acumulavam forças sem esconder o próprio objetivo militar. Estratégicamente agiu a tropa imperial chegando a Campinas e desenvolvendo seu ataque já no dia seguinte, quando tudo levava a crer que se demorasse no desfecho deste ataque. O imediatismo da ação, para o comando Bezerra, justificava-se por surpreender os liberais, como realmente surpreenderam, tão displicentes que se achavam afastados do seu quartel geral, pescando ou ocupados em folganças, o que permitiu um encontro sangrento com pequeno número de revoltosos, encontro

desastroso para estes, não só pelas baixas causadas, mas, principalmente, pelo desânimo produzido em toda a falange liberal da província.

Sabidamente pacifista a conduta de Caxias, nunca poderia ele autorizar a seus comandados a execução de um massacre de prisioneiros de guerra, como se realizou em Venda Grande. Mas se procurarmos algum outro motor para o massacre, o primeiro passo seria pesquisar sobre a composição das forças atacantes.

Os imperiais se compunham de cavalaria e infantaria para combater artilharia e infantaria. O comando Bezerra tinha, é evidente, perfeitas informações sobre o inimigo e, assim, iniciou o ataque com a cavalaria transpondo a fazenda Chapadão pela "velha estrada da Limeira". Melhor diremos que iniciou uma provocação, pois, apenas se fizeram ver produzindo a reação dos revolucionários com disparos de dois pequenos canhões já arcaicos e não mais em uso por forças regulares que dispunham de material moderno, quando já não mais se utilizavam de canhões de projétil esférico não explosivo, como tinham os liberais.

Despertados os cuidados dos liberais para o possível ataque vindo do Chapadão e colocando-se em posição para esta defesa, surgiu então a infantaria imperial pela retaguarda percorrendo a nova estrada — Campinas-Piracicaba — (atual Campinas-Barão Geraldo) a surpreender pela segunda vez os revoltosos levando-os ao desânimo e à derrota breve com o seu arma-

mento de armas de caça contra fuzis de maior alcance de infantaria imperial⁵.

Terminado o combate, reunida a tropa, após as chamadas, verificações, descansos, etc., a tropa imperial "pondo pela frente os prisioneiros, rompia a marcha em direção a Campinas, onde chegou pelas onze horas da noite"; diz Omar Simões Magro⁶. De Venda Grande à cidade, levaria uma tropa em marcha normal, com prisioneiros, pelos seus oito quilômetros da estrada primitiva e irregular, o mínimo de tempo oitenta minutos, devendo, portanto, ter deixado a Venda Grande depois das vinte e uma horas, o que a exclui da acusação do massacre.

Colaborando com a tropa imperial, participou do combate a tropa irregular de mercenários organizada e sustentada por Monsenhor João José Vieira Ramalho, como relata Lauro Monteiro de Carvalho e Silva a fls. 29 do seu "Mojim-Mirim (subsídios para a sua história)":

"Mons. João Vieira Ramalho, português, veio moço para o Brasil. É um dos vultos mais importantes na história da Província de São Paulo na primeira metade do século XIX. Foi um dos fundadores de São João da Boa Vista, de onde veio para Moji-Mirim, onde fixou residência. Foi deputado provincial em quatro legislaturas. Em 1842, fervoroso legalista, organizou e manteve numeroso contingente de milicianos, impedindo que a revolta se alastrasse pelos municípios de Oeste. Comandante militar de Moji-Mirim em 1842,

para combater a revolução chefiada por Rafael Tobias de Aguiar. Eleito deputado geral nas 8ª e 9ª legislaturas (1850-1856) e escolhido senador do Império (1853). Faleceu em 26 de junho de 1853, como monsenhor honorário da Capela Imperial e comendador da Ordem do Cruzeiro e da de Cristo".

A TROPA MERCENÁRIA

Não podemos responsabilizar diretamente pelo massacre, o Monsenhor Ramalho; mas responde ele por omissão trazendo e aqui deixando tropa de façanhudos desordeiros comandada por irresponsável. Seus asseclas, desde que chegaram a Campinas, permitiram a Florence informar em seu artigo de 8/6/1882: "A força paisana atinge a mil homens depois que chegou o padre João Ramalho com seu avultado contingente de sequazes meio fanáticos das bandas de S. João do Jaguarí, os quais prometem fazer e acontecer, que há de ser um dia de juízo". E disse mais: "senão fosse a vinda de força de linha, ao mando do Coronel Bezerra, com o que já tudo mudou em organização e disciplina".

Sendo a força de Bezerra o fator de organização e disciplina, infelizes foram os prisioneiros feridos liberais, acomodados no sobrado do engenho que, retirada a tropa imperial, ficaram à mercê dos fanáticos do padre Ramalho, evidentemente os algozes dos prisioneiros feridos. É ainda Florence (publicação de 14/06/1882) quem relata a maldade contra Antônio Joaquim Viana, seriamente ferido

em combate e tomado como morto, mas salvo pelo seu amigo Antônio Roxo-Forte que o trouxe para a cidade a procura de socorro médico. Ao chegarem à cidade, não faltou o fanático que sabendo da presença de Viana ferido, que com as mãos comprimia as feridas para conter o sangue, atingiu-o covardemente com novos balaços desejando matá-lo. E na mesma publicação conta Florence o caso de assassinato de "uma criança inerte" servindo na venda grande, "que, apesar de implorar piedade, fora varada pela bala da infame arma".

Então, o pânico foi trazido a Campinas pelos fanáticos mercenários do Padre Ramalho, e a ordem, a disciplina estabelecida pela tropa imperial sob o comando do tenente-coronel Bezerra. Terminado o combate de Venda Grande, retirou-se a tropa imperial para a cidade com os prisioneiros, cabendo aos assalariados cuidar dos feridos, não podendo fazer supor ao comando militar, tanta covardia de uma tropa apresentada como de voluntários paulistas, expressão esta usada em comentários.

Conservou-se a tropa imperial com o seu comandante José Vicente de Amorim Bezerra, em Campinas, até 18 de junho, quando ainda subscrevia ofício datado nesta cidade.⁷ As tropas de Campinas entraram em Sorocaba, como conta Amador Florence, a 21, com o coronel Quirino à frente de força local de Campinas. Em 20 já ali havia chegado o Barão de Caxias, à frente de sua tropa, e a 23, da mesma cidade, escrevia ao presidente da Província: "O Juiz de

Direito desta Comarca, já entrou em exercício, e amanhã pretende fazer um passeio Militar pelas vilas de Paraíba e Porto Feliz, e pela cidade de Itu, para fazer empossar as autoridades civis de tais lugares e depois voltarei a essa Capital para colher notícias sobre as Vilas do Norte, e saber quais as operações que convirão praticar em relação à Província de Minas Gerais".⁸ Mais este documento atesta que em Campinas não esteve Caxias, como temos opinado.⁹

O CAPITÃO BOAVENTURA

Tornou-se figura principal pela sua bravura na defesa das hostes liberais da Venda Grande, o capitão Boaventura do Amaral Camargo. Havia ele nascido em Itu onde foi batizado, em 1789. Participou das guerras do Sul, estando ali já em 1812. Falecendo seu pai, e feito o inventário dos bens deixados, nas declarações prestadas no processo está Boaventura citado como "solteiro, com 27 anos, soldado pago destacado no sul", com os nomes de "Tenente Boaventura Soares de Camargo", "Boaventura de Camargo e Amaral, estante na Capitania de São Pedro do Sul, estando de partida para o Rio de Janeiro" (isto em abril de 1818), e "Boaventura do Amaral Camargo Alferes da Legião de São Pedro que se acha no Sul", "que na ocasião de sua marcha levou um escravo de seu pai". Em 1842 estava residindo em Capivari ou Itu, e desta cidade partiu, em 2 de junho, comandando uma força de cavalaria

de 60 homens com destino à Venda Grande, em Campinas, aqui falecendo na noite do combate. Deixou quatro filhos, Francisco Boaventura do Amaral, Cândido do Amaral, Filadelfo do Amaral e Boaventura Anselmo do Amaral.¹⁰

Omar Simões Magro, discorrendo sobre oficiais que participaram da Venda Grande, cita "militar distinto": Boaventura do Amaral, um veterano. Tendo partido para o Sul com a legião de São Paulo, acompanhara-a em suas gloriosas marchas até que em Montevidéu, foi a infantaria de que fazia parte, transformada no 7º batalhão de Caçadores. Com este regressou a São Paulo em 1829, e nele se consorciou com o posto de tenente. Aí o foi buscar o brigadeiro Tobias para comandar, comissionado em capitão, o Corpo Municipal de Permanentes — origem da atual Força Pública — e nesse cargo permaneceu desde 30 de novembro de 1832 até 5 de julho de 1834. Voltando à sua unidade, obteve reforma, ainda como capitão, passando então a residir em Campinas".¹¹ Discordamos desta última afirmativa de ter o capitão Boaventura residido em Campinas, já que a documentação que conhecemos não nos autoriza a concordar com o ilustre historiador.

O MOVIMENTO EM SÃO PAULO

A qualquer observador não escapa a estranha omissão da capital da Província no movimento revolucionário de 1842, quando nesta cidade havia maior concen-

tração de liberais, combativos e exaltados como os pronunciamentos veementes na Assembléia Legislativa.

Não poderiam os revoltosos ignorar que as revoluções fracassam quando deixam o governo central que almejam derrubar, com os seus movimentos normais e sua força moral de investidura em posições de mando. E a revolução de 1842 explodiu em Sorocaba, em outras cidades do interior da Província, permitindo estabilidade e ação do governo que desejavam derrubar, contrariando o pensamento do mentor deste movimento que ele reputava "perdido desde que não realizou na capital da Província".¹²

Rafael Tobias acusou os liberais da cidade de São Paulo, de defecção, o que não foi, como podia parecer, uma simples justificativa para seu fracasso, mas uma realidade que se comprova. Os correlegionários da capital estavam integrados e comprometidos nos projetos e preparativos da revolta¹³ como afirma Francisco de Assis Vieira Bueno: "Seguiu-se logo a rebelião de 1842, que infalivelmente me teria colhido em sua rede, se tivesse rompido na Capital, pois eu me achava filiado a um dos clubes revolucionários chamados — os patriarcas invisíveis, sendo chefe do meu o Dr. Antônio Manuel de Campos Melo; e também já tinha em meu poder um clavinote, que recebi quando se fez a distribuição de armamento".¹⁴

Indica este liberal que até armamento já se tinha distribuído na Capital entre os seus correlegioná-

rios, devendo o movimento se ter iniciado na cidade de São Paulo. A eclosão em Sorocaba, teria contado com a manifestação dos elementos da Capital, e se fez na certeza desta ação e de novas adesões de outras cidades da Província e da Comarca de Curitiba, com população na sua maioria liberal, apoiando a revolução, mas cuja elite de autoridades, aspirando a transformação da Comarca em Província, ficou "arquietaada ante a promessa governamental", mantendo-se "neutra ao movimento".¹⁵

A marcha das tropas do Coronel Galvão, de Sorocaba para a Capital; a incumbência a Francisco de Castro de ocupar a freguesia do Ó e o reforço que iria de Campinas sob o comando dos irmãos capitão Francisco e Luciano Teixeira Nogueira, e do tenente Antônio Rodrigues de Almeida;¹⁶ a inatividade da primeira e não execução das outras, indicam alterações dos planos, evidenciando que estes movimentos se fariam como reforço ao levante na Capital que se não realizou.

Revela-se nestas circunstâncias, o sacrifício do coronel Galvão, subordinando-se a um juízo que o apontaria como comandante inepto ou medroso, por não ordenar um ataque para o qual as suas tropas teriam vindo de Sorocaba. Evitou um sacrifício inútil de seus comandados que formavam uma tropa de reforço e consolidação, o que não era estranho a Rafael Tobias, pois este, em carta, recomendava a Antônio Teixeira que se conservasse na defensiva.¹⁷

Francisco Galvão de Barros

França, era "um bravo soldado das guerras do Sul, onde terçara armas em companhia de outros liberais, envolvidos nos acontecimentos, como os tenentes-coronéis Bento José de Moraes e Joaquim José de Sant'Ana, o capitão Boaventura do Amaral Camargo e o alferes Francisco Teixeira Nogueira. Todos haviam pertencido à famosa Legião de São Paulo que tanto se distinguira de 1811 a 1820, e todos se acham citados nas ordens do dia dos ilustres chefes daquelas memoráveis campanhas: Alegrete, Curado, Oliveira Alves".¹⁸

A notícia da derrota dos liberais de Venda Grande, chegou a São Paulo no dia 11, o que se confirma por carta do Barão de Caxias a Antônio de Queirós Teles, escrita em 10, com determinações próprias de quem dela não tinha conhecimento: "Constando-me pelo Capitão Pupo,¹⁹ que nesta vila existem cerca de trinta cavalos da Nação e algumas praças da Guarda Nacional da Cavalaria, determino em consequência que V.Sa. monte tais Guardas Nacionais, que deverão servir para explorarem os arredores da Vila e entrarem em operações caso seja mister".²⁰

O INQUÉRITO

Presos e levados para o Rio os revolucionários oficiais reformados do Exército, iniciou-se em São Paulo, na chefatura de Polícia, o inquérito policial-militar presidido pelo chefe de Polícia, José Augusto Gomes de Meneses, que percorreu as cidades sublevadas, tomando para escrivães do processo

elementos locais onde havia inquirições. Esteve em Porto Feliz a 15/10/1842, de onde foram considerados cabeças do movimento, com prisão decretada, José Rodrigues Leite, Dr. João Viegas Jort Muniz, Luís Antônio da Fonseca e Reverendo José de Almeida Campos. A 17/10, em Itú, com prisão decretada de Tristão de Abreu Rangel, Manuel Martins de Melo, capitão João Floriano Ortiz e Cândido José da Mota. Em Capivari, a 20/10, responsabilizado o cabeça capitão José Correia Leite. Na Constituição (Piracicaba) em 22/10, apurando a ação do responsável Vigário Manuel José de França. Em Limeira a 24/10 com prisão do senador Nicolau Pereira de Campos Vergueiro. Em Moji-Mirim a 26/10, apurada a culpa dos cabeças capitão Joaquim Floriano de Araújo e capitão Francisco José da Silva. E, finalmente, em Campinas a 31/10, de cujo processo consta:

"Tendo no termo desta cidade aparecido reuniões de gente armada no sítio do finado Teodoro, junto à Venda Grande, e se praticado outros atos a prol da rebelião de Sorocaba, que se procurou aqui propagar, o Escrivão que serve perante o Sr. Delegado de Polícia notifique de três a cinco testemunhas para deporem a respeito de Antônio Manuel Teixeira e outros comprometidos, para amanhã às 11 horas da manhã na casa de minha residência. Cidade de Campinas 30 de outubro de 1842", (a) José Augusto Gomes de Meneses, chefe de Polícia.

Certifico que notifiquei em próprias pessoas as testemunhas Cândido Gonçalves Gomide, José Teodoro de Barros Cruz, e por carta ao Capitão Joaquim da Silva Leite, e não notifiquei mais testemunhas por se acharem ausentes, Geraldo Rodrigues Pires, José Vaz da Cruz, José Manuel de Castro, João Pinto Barreto e Antônio da Cunha, tudo para o que acima declarado na Portaria supra. O referido é verdade e dou fé do que assino. Campinas 31 de outubro de 1842".
(a) Joaquim Roberto Alves.

Cândido Gonçalves Gomide, casado, natural da cidade de Marina, Província de Minas Gerais, morador desta cidade de Campinas onde vive do seu emprego de Cirurgia, da idade que disse ter cinqüenta e um para cinqüenta e dois anos".

Ao 1º

"Diz que sabe por ser público e geral, mesmo pelo que mesmo anteriormente se dizia, que fora o Coronel Rafael Tobias proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba no dia dezessete de Maio, e que já no dia cinco de Maio tal era o estado de agitação no povo e tão conhecidos os preparativos que se julgou necessário um destacamento de trinta homens reforçados quase todas as noites por Guardas Nacionais e mais moradores da cidade; e pela mesma razão sabe e por ter visto peças e ofícios por ele assinados, que ele aceitaria o emprego e o exercera e que tem também ouvido dizer que dito Tenente-Coronel digo dito Coronel Tobias, fora

constrangido a dar esse passo por Tristão, Lacerda e outros”.

Ao 2º

“Disse que parece ter havido algum concerto entre Tristão de Abreu Rangel e algum outro, com Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Luciano Teixeira Nogueira e Ângelo Custódio²¹; e que dito Tristão consta ter vindo a esta cidade por vezes, tendo em uma delas ele testemunha, o visto é público que com os referidos tratava; que a respeito de quem dera por si só conselho para a rebelião, nada sabe, antes supõe que fosse concerto comum entre muitos; que é público que nesta cidade nas proximidades do rompimento de Sorocaba, se reuniam algumas noites em casa de Antônio Manuel Teixeira e também em casa de Reginaldo Antônio de Moraes Sales, determinadas pessoas em clubes, aonde e também se vinha reunir Antônio Alves de Almeida Lima, da Limeira, e que geralmente se diz que nestes clubes se tratavam do rompimento nesta cidade, o que parece ser confirmado pelo que posteriormente se passou.

Ao 3º

Disse que a Câmara desta cidade não reconheceu o Governo intruso de Sorocaba, bem que nela algum fermento parece existir e que não se desenvolveu por falta de ocasião, não só porque desde onze de Maio não se reuniu mais, como também porque a rebelião nunca se desen-

volveu dentro da mesma cidade pela energia e resistência que mostraram seus habitantes.

Ao 4º

Disse que supõe serem os principais motores da rebelião neste termo, Antônio Manuel Teixeira, Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Francisco Teixeira Nogueira, Alfes das extintas Milícias, Luciano Teixeira Nogueira, Ângelo Custódio e outros que com eles cooperaram e trabalharam no mesmo sentido. Que quanto a Antônio Manuel Teixeira sabe por haver a portaria, digo sabe por ter visto a Portaria do Governo intruso, que fora ele nomeado Comandante Militar neste termo, que em consequência dessa nomeação reunira gente com que se pusera em observação nesta cidade, trazendo duas peças de artilharia que em seu Engenho tinha, que com essa gente se colocara no sítio do finado Teodoro junto da Venda Grande, na estrada para esta cidade, digo para Piracicaba e Limeira que segue desta cidade, onde reunindo outros contingentes dispunha-se a vir tomar esta cidade por ordem do Governo intruso, quando foi batida pela força do Governo Imperial, no dia sete de Junho. Quanto a Reginaldo Antônio de Moraes Sales, sabe que muito influiu reunindo seus partidistas deste termo e gente da Limeira e São João e que correu que ele se entendia com o Senador Vergueiro e com o Padre França, vigário de Piracicaba e que consta que ele comandava a força que do Salto de Itú seguira para a Venda Grande e largando aí essa força

voltara a Piracicaba a reunir mais, segundo se colige duma carta dele a Antônio Manuel Teixeira, e é voz pública. Quanto a Francisco Teixeira Nogueira, sabe por ser voz pública que reunira gente no Capivari de Cima²² e com ela marchara para a Venda Grande e aí a comandava, assim como se achou no ataque feito pelas forças Imperiais. Quanto a Luciano Teixeira Nogueira, sabe por ser público e notório que reunira gente em sua casa, tanto isso é verdade que mandando o Coronel Chefe da Legião a sua casa chamá-lo pelo Sargento José Manuel fora esse pelo dito Luciano mandado prender como recruta e remetido logo para Sorocaba. Quanto a Ângelo Custódio, sabe que na sua casa iam pouso todos os comprometidos que iam e vinham nesta direção e consta que além de se prestar com agasalho e serviços particulares, também oferecera um filho para as forças da Venda Grande e dera mantimentos assim como que reunira gente. Que além destes o Capitão Francisco José da Silva, instrutor da Guarda Nacional de Moji-Mirim e desta cidade, andou com toda essa gente, e consta ter ensinado manejo em diversos lugares e na Venda Grande e foi também instrutor, assistiu ao ataque e até foi ferido. Que lhe dissera José Ferraz, da Limeira, que o Senador Vergueiro recebera próprios do Barão do Pontal, de Minas e que supunha que traziam cartas que tratavam do plano da revolução, e que ele testemunha viu uma Portaria do Governo intruso, a Antônio José da Silva, declarando-lhe que

quando na Coletoria não houvesse dinheiro necessário para as despesas, o houvesse do Senador Vergueiro.

Ao 5º

Disse que quanto à força reunida só houve neste termo a da Venda Grande onde se fundiram diversas reuniões e que daí não saiu porém que indivíduos consta que muitos acudiram a Sorocaba e outros pontos, que a força da Venda Grande se achava armada com duas peças de Antônio Manuel Teixeira, e de clavinas, pistolas e lanças, e que Luís Batista dos Santos, vindo a esta cidade dera notícia que de Sorocaba se enviara para aqui duzentas armas que consta foram recebidas por Francisco Teixeira Nogueira e que se não sabe que tais armas foram ou não distribuídas.

Ao 6º

Disse que se referia ao que já dissera em outros artigos.

Ao 7º

Disse que sabe que os rebeldes não gastaram aqui dinheiro da Nação ou Públicos a prol da revolução, mas que corre que Antônio Manuel Teixeira recebera quantias de diversas pessoas para as mandar dar em Santos e que essas ordens não foram cumpridas e que hoje se desconfia que fosse o meio que, digo meio de que lançou mão para haver dinheiro para a revolução e ao mesmo tempo de libertar (?) os amigos da ordem. Declarou aqui a testemunha que quando havia dito

sobre os artigos era quanto nesta ocorriam se lembrava e que por ter estado no meio da agitação e presenciado os fatos e em muitas pessoas de algumas se pode ter esquecido e que quando se lembre de fatos maiores, em ocasião oportuna a declarará. Quanto aos costumes disse não era Parente amigo nem inig. aliás inimigo das pessoas mencionadas e que sim ser desafeiçoado a algumas delas por motivos políticos e particulares. E lido o depoimento por estar conforme o que depoz assina-se com o Juiz. Neste notifiquei a testemunha para não mudar de residência sem participar ao mesmo Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves Escrivão o escrevi". (a) G. Meneses. (a) Cândido Gonçalves Gomide.

TESTEMUNHA SEGUNDA

"O Tenente José Teodoro de Barros Cruz, solteiro, natural de Moji-Mirim e morador desta cidade onde vive de seu negócio de fazendas, de idade que disse ter trinta e três anos. Testemunha Jurada aos Santos Avengelhos Sob cargo do qual prometeu dizer a verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse.

Ao 1º

Disse que sabia que por ser público e notório, que o Coronel Rafael Tobias fora em dias de Maio, proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba, e pela mesma razão e por ter visto cópias da Proclamação e sabido quanto mais se passou na Província, sabe

que ele aceitou esse emprego e o exercera.

Ao 2º

Disse que sobre plant digo sobre planos e concertos nada sabia de ciência certa, porém que supunha que os havia, porque antes do rompimento de Sorocaba já se pressentia na Povoação alguma agitação, faziam-se certas reuniões noturnas mais freqüentes em certas casas onde concorriam pessoas hoje comprometidas, assim como outros preparativos que faziam suspeitar e que supõe que nesta Cidade o maior instigador e conselheiro da rebelião era Reginaldo Antônio de Moraes Sales que na casa dele testemunha em sua presença e na de Manuel Cardoso de Almeida e Silva disse que o negócio devia dar em alguma coisa, e que a não ser assim não contassem com ele.

Ao 3º

Disse que nem a Câmara nem o povo reconheceu neste termo o Governo rebelde e só sim os comprometidos que se achavam na Venda Grande.

Ao 4º

Disse que supõe serem principais propugnadores da Rebelião nesta cidade e seu termo, Antônio Manuel Teixeira e o mesmo Reginaldo Antônio de Moraes Sales, Ângelo Custódio Teixeira Nogueira, Luciano Lec digo Luciano Teixeira Nogueira, o Alferes Francisco Teixeira Nogueira e outros que os coadjuvaram e cooperaram tam-

bém a favor da Rebelião. Que quanto a Antônio Manuel Teixeira era em sua casa que antes mesmo da revolução se faziam os clubes noturnos, e que fora ele que mandara buscar de sua fazenda duas peças de artilharia que ele tinha com que pretendia assaltar a esta cidade; que fora nomeado Comandante Militar pelo Governo intruzo, e em observância de suas ordens fizera reunir gente, e se colocara no ponto do sítio do finado Teodoro, junto à Venda Grande, donde se dispunha tomar a esta cidade. Que quanto a Reginaldo Antônio de Moraes Sales, declarou a testemunha que quanto às reuniões em casa de Antônio Manuel Teixeira, sabia de ver por ser vizinho. Que quanto a Reginaldo sabia de ouvido que também reunira por vezes gente em sua casa para tratar dos planos da Rebelião, e que ele ouvira o que já declarou no artigo segundo, que depois de ter aparecido o rompimento de Sorocaba ausentara-se desta cidade e consta a ele testemunha que seguiu para Limeira e Piracicaba, e que por aí andara reunindo gente, que sabe que Reginaldo se correspondia com algumas pessoas a respeito de reunião de gente e que virá uma carta dele ao Alferes José Estanislau de Oliveira a este respeito a qual ele respondia na mesma carta que não tinha podido arranjar vinte e oito dago podido arranjar mais de vinte e oito pessoas. Quanto a Luciano Teixeira Nogueira disse que sabia que também era grande influente da rebelião que reunira gente em sua casa, o que sabe de ouvir dizer: assim co-

mo sabia mandando-lhe o Coronel da Legião chamar por ser ele Capitão da Guarda, por um Sargento de nome José Manuel de Castro, ele prendera dito Sargento e o mandara logo para Sorocaba como recruta o que sabe por ter ouvido depois do mesmo Sargento. Quanto a Ângelo Custódio Teixeira Nogueira disse que sabia que também reunira gente em seu sítio, que aí tivera ocultas as duas peças de Antônio Manuel Teixeira até que se reunisse a gente que em sua casa hospedavam a reunisse todos quantos andavam tratando da rebelião. Quanto ao Alferes Francisco Teixeira Nogueira disse que sabia que também reunira gente e trabalhou a favor da reunião de força da Venda Grande onde em cujo ataque se achou, o que sabe por ouvir dizer. Disse também que sabia que o Capitão Francisco José da Silva andara com essa gente e ensinara manejo aos rebeldes.

Ao 5º

Disse que sabia que nenhuma força reunida fora para Sorocaba, mas sim que para lá só foram alguns indivíduos e enquanto a armamentos lhe consta que os soldados se achavam na Venda Grande com espingardas fulminantes caçadeiras pela maior parte e com trabucos e com lanças e pelo mesmo modo sabe que tendo o Coronel ou Tenente-Coronel exigido do Capitão Luciano conta do armamento reiuno que tinha recebido, este lhe dera conta de parte, faltando algum.

Ao 6º

Disse que além de Antônio Manuel Teixeira ninguém mais foi nomeado Comandante Militar neste termo.

Ao 7º

Disse que nada sabia. Sobre os costumes disse nada. Neste ato notifiquei a testemunha para não mudar de residência sem dar parte a este Juízo. E lido o seu depoimento por estar conforme o que depõe assina com o Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves, Escrivão que escrevi". (a) G. de Meneses. (a) José Teodoro de Barros Cruz.

TESTEMUNHA TERCEIRA

"O Capitão Joaquim da Silva Leme, casado, natural e morador do termo desta cidade onde vive de seu Engenho de fabricar açúcar e de sua tropa e de idade que disse ter quarenta e oito anos mais ou menos. Testemunha jurada aos Santos Evangelhos sob cargo do qual prometeu dizer a verdade do que soubesse e perguntado lhe fosse.

Ao 1º

Disse que sabia por ser público e notório que o Coronel Rafael Tobias fora em dias de maio deste ano proclamado Presidente da Província na cidade de Sorocaba e pela mesma razão sabe que ele aceitara e exercera esse emprego.

Ao 2º

Disse que sobre plano ou concerto entre pessoas de outros lugares

com algumas desta cidade, não sabe e o mesmo quanto a quem aconselhasse sobre a revolução.

Ao 3º

Disse que nem a Câmara nem parte alguma do povo deste termo reconheceu formalmente o Governo de Sorocaba.

Ao 4º

Disse que sabe por ouvir dizer que Antônio Manuel Teixeira aceitara o Comando Militar que lhe fora dado pelo Governo intruzo e que reunira gente e que se pusera a testa dela na Venda Grande e quanto se assistiu ou não ao ataque não sabe, e que consta a ele testemunha que dito Antônio Manuel fora algumas vezes a casa do Senador Diogo Antônio Feijó, o qual lhe dava a direção para a revolução. Que a respeito de Reginaldo Antônio de Moraes Sales nada sabe, só que ele daqui saiu para as partes da Limeira e Piracicaba, e que por lá andou. Que quanto a Luciano Teixeira Nogueira, Ângelo Custódio, Francisco Teixeira Nogueira, alferes das extintas milícias, consta a ele testemunha que todos andaram metidos na rebelião e se acharam no ataque da Venda Grande; que constava a ele testemunha que Antônio Manuel Teixeira tinha emprestado duas peças de artilharia de sua fazenda para a força da Venda Grande, que também consta a ele testemunha que o Capitão Francisco José da Silva andava com todos esses e se achava também no ataque onde fora ferido.

Ao 5º

Disse que as armas de que se serviram na Venda Grande são pela maior parte fulminantes de caça.

Ao 6º

Disse que se referia ao que já havia dito.

Ao 7º

Disse nada. Aos costumes disse que não é parente nem inimigo de ninguém, mas antes amigo de alguns; neste ato notifiquei a testemunha para não mudar de residência dentro de um ano sem participar este Juízo. E lido o seu depoimento por achar conforme o que depôs assina-se com o Juiz. Eu Joaquim Roberto Alves escrivão que escrevi" (a) G. de Meneses. (a) Joaquim de S. Lima.

"Certifico que procurando a testemunha referida Manuel Cardoso de Almeida e Silva não achei; consta ter saído fora da cidade. O referido é verdade e dou fé do que assino. Campinas 1º de Novembro de 1842". (a) Joaquim Roberto Alves.

"Aos três dias do mês de Novembro de mil oitocentos e quarenta e dois anos nesta cidade de Campinas e em meu cartório sendo aí, faço estes autos conclusos ao Dr. Chefe de Polícia desta Província José Augusto de Meneses, do que para constar faço este termo. Eu Joaquim Roberto Alves Escrivão que assino". (a) Alves.

"Os documentos que decorrem de fls. 181 a 185, e inquirições, obrigam, desde já, à prisão e livramento, como cabeças da rebelião,

a Antônio Manuel Teixeira e Reginaldo Antônio de Moraes Sales. Cidade de Campinas 3 de Novembro de 1842" (a) G. de Meneses.

O ENGENHO DA LAGOA

Estiveram os liberais aquartelados no antigo engenho de açúcar denominado Engenho da Lagoa, cujos senhores eram o major Teodoro Ferraz Leite e sua segunda mulher Maria Luísa Teixeira Nogueira de Camargo, ambos falecidos. Um sobrado constituía a sede do engenho com residência da família. Em tempos nos referimos à vida particular dos senhores deste engenho, quando o Departamento de História do Centro de Ciências, Letras e Artes promoveu a ereção do marco comemorativo da Venda Grande²³.

Pelos primeiros lustros do século passado, existia o engenho da lagoa, florescente indústria açucareira. Grande sobradão era sua sede com a fábrica de açúcar; além a casa de purgar onde se clarificava o produto a ser exportado para Santos; alambiques, caldeiras de cobre, tachos e escumadeiras, de pois o moinho e demais montagens, compunham o rico senhorio com as pastarias, muito gado e os quartéis de cana, tudo servido por uma quase centena de escravos, com os animais de sela ajaezados de prata e as bestas arreadas para transporte das cargas e da elegante e encortinada liteira.

Mas lá, o alto do sobrado é que abrigava o lar senhorial de um casal feliz; numerosas janelas iluminavam os salões e câmaras de uma

residência abastada. A jovem senhora, no encanto dos seus verdes anos, de corpo exuberante e rara formosura, a mais bela mulher de Campinas no dizer dos seus contemporâneos, na faina doméstica de mãe estremorosa perpassava e dirigia sua casa; seu vasto salão de jantar era bem paulista, sóbrio e de discreta riqueza; a baixela era de louça inglesa, de jantar e de chá, as salvas e talheres de prata entre os copos e cálices de cristal lapidado; ao centro a mesa com suas cadeiras e escabelos e, de encosto à parede, não só a marquesa ampla e os canapés, como um nobre e alto relógio com suas cadeias e pesos de marcar o tempo de ventura e de abastança; tudo era alegre com os cilindros musicais de um realejo, o instrumento da época, que sonorizava este aconchego de paz e de encantamento.

O senhor do engenho, sargento-mór de milícia, era de apuramento de hábitos, trajando sua casaca e calções de seda, manteu de renda, espada e faixa militar. No seu nobre solar, nasceram-lhe os filhos, aumentou grandemente sua fortuna, mas viu também o triste dia em que sua bela esposa, ao nascer o nono rebento morria mártir da maternidade. Foi ainda aí que se casaram as filhas do altivo senhor; a menor delas, menina-moça no florescer dos seus catorze anos, casou-se em meio de festas e esplendores, vestida nas suas rendas de imaculado alvor bordadas a fio de ouro, com um jovem bacharel, das arcadas²⁴, futuro juiz e cavaleiro da Ordem de Cristo. Foi a última festa do grande sobrado.

Depois, os filhos se foram para seus novos lares, e o senhor envelhecido abeirou-se do túmulo: morria em 1837, deixando ermo o engenho de passado glorioso²⁵.

NOTAS

1. Celso Maria de Mello Pupo, "Campinas, seu Berço e Juventude", 133.
2. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 133.
3. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 134.
4. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit., 134.
5. Amador Florence, "Revolução de 1842" na "Gazeta de Campinas de 10/6/1882".
6. Omar Simões Magro, "Apuros de Um Chimango" no "Diário Popular" de 16/5/1932.
7. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XXXI, 209 e 301.
8. Anais do Museu Paulista, V. 378.
9. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit. 131.
10. Tabelação de Capivari, inventário iniciado e não concluído de bens deixados pelo Padre Melchior de Pontes do Amaral, irmão de Boaventura do Amaral.
11. Omar Simões Magro, ob. cit.
12. Dizia o Regente Feijó, sobre o movimento revolucionário de 1842, que "ele reputava perdido, desde que não se realizou na capital da província" — Amador Florence, ob. cit., de 13/7/1882.
13. Participavam do mesmo pensamento, "Tobias de Aguiar, Feijó, Vergueiro, Álvares Machado, Floriano de Toledo, Gurgel, Dias de Toledo, Campos Mello, Rodrigues dos Santos e tantos outros paulistas distintos aderiram de todo o coração ao movimento revolucionário que se preparava e nele tomaram a mais ativa parte" — Amador Florence, ob. cit., de 13/7/1882.
14. Francisco de Assis Vieira Bueno, "Minhas Memórias 4.
15. Martins de Andrade, "A Revolução de 1842", 141.
16. João Batista de Moraes, "Revolução de 1842" na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XII, 553.
17. Celso Maria de Mello Pupo, ob. cit. 128.
18. Omar Simões Magro, ob. cit.
19. Ramo de família, de Jundiá.
20. Rev. do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo XXXI, 294.

21. Seu nome era Ângelo Custódio Teixeira Nogueira.
22. Monte-Mór.
23. O Departamento tinha como presidente e Vice, os acadêmicos Luís Filipe da Sil-
- va Wiedmann e Celso Maria de Melo Pupo.
24. Dr. Francisco de Assis Pupo.
25. Celso Maria de Mello Pupo, no "Diário do Povo" de 30 de agosto de 1956.

O Professor Celso Maria de Mello Pupo é historiador e membro da Academia Campinense de Letras, Campinas, São Paulo.